Jornal do Domingo

REVISTA UNIVERSAL

DIRECTOR LITTERARIO—MANUEL PINHEIRO CHAGAS

ASSIGNATURA
50 réis á entrega nas localidades onde houver correspondentes; nas outras localidades de:
PORTUGAL, ILHAS E ULTRAMAR
Anno ou 52 numeros, 2$500 réis; Semestre ou 26 numeros, 1$300 rs.; trimestre ou 13 numeros 700 rs.; avulso 60 rs.

ANNO II — 5 DE MARÇO DE 1882 — N.º 2

GERENTE-PROPRIETARIO—AUGUSTO DE SAMPAYO GARRIDO
Lisboa—Travessa do Monte do Carmo, 38, 2.º

ASSIGNATURA
BRAZIL
Anno ou 52 numeros, 7$000 réis; semestre ou 26 numeros 4$000 rs.; trimestre ou 13 numeros 2$000 rs.; avulso 200 rs.
São agentes da empreza no Rio de Janeiro os srs. **Lino & Faro**, Rua do Ouvidor.

SUMMARIO

GRAVURAS:—Panorama do jardim botanico de Bruxellas; A ultima toilette de Carlota Corday; A cathedral de Tolosa; Gaesbeek
TEXTO:—Actualidades, por Pharés; As nossas gravuras, por P. C.; Horas d'ocio; Scenas da vida americana, por A. Brehat; O Domingo historico, por A. O. Rosicler, por A. X. Cordeiro e Sousa Monteiro; Atravez da Siberia, por Victor Tissot e Constant Amero;

ACTUALIDADES

O acontecimento importante da semana foi aquelle extraordinario caso de envenenamento em Alcantara. Pae, mãe, dois filhos e uma visinha, envenenados; um ultimo acto de Bouchardy. E depois os noticiarios bordaram uma romantica lenda de ciumes e de vingança sobre a talagarça negra d'essa catastrophe.

Desde o momento em que a assignatura do Crime substituiu a do Acaso por debaixo d'esse quadro sinistro á Goya, o quadro passou a valer o triplo perante o interesse do publico.

Aquella mãe que entrára moribunda para o hospital, passando de uma victima do azebre d'uma carôla de cobre, a algoz de seu marido e de seus filhos, assumiu as proporções colossaes d'um extraordinario documento humano.

Na galeria dos monstros femininos apparecia mais um exemplar curiosissimo. A historia do ciume enriquecia-se com uma das suas paginas mais assombrosas e mais desvairadas, uma mãe sacrificando inmbe-cilmente seus dois filhos, á vingança do homem que lhe preferira outra.

Cheios de curiosidade, e diga-se francamente, cruelmente a verdade, com o contentamento egoista e desapiedado do artista que encontra ao pé do caneiro de Alcantara uma heroina de Eschylo, dirigimo-nos ao hospital de S. José, com o coração a pular de anciedade, como o sr. Estacio da Veiga quando lhe apontam ao longe qualquer vaso dos romanos.

Era tarde como o demonio, e a entrada no hospital não era facil a um desconhecido.

PANORAMA DO JARDIM BOTANICO DE BRUXELLAS

Perguntámos quem era o cirurgião de dia: não o conheciamos.

— Póde-se-lhe fallar?

— Olhe, espere aqui que elle vae passar para o Banco.

Esperámos.

D'ali a nada abriu-se uma porta e o cirurgião do Banco passou ao fundo, silencioso, acompanhado pelos guardas, como no 1.º acto do *Ruy Blas* Maria de Neubourg passa aos olhos deslumbrados do pobre *ver de terre amoureux d'une etôile*. Em vez de palio levava o *Diario de Noticias*.

Timidos, acercámo-nos do guarda portão e perguntámos-lhe baixinho:

— Et que m'ordonnez vous, seigneur, présentement?

O GUARDA (*mostrando-nos o medico que atravessava lentamente o corredor*).

— De plaire á cet homme..., para entrar na enfermaria.

. . .

Desistimos logo, e retiravamo-nos desconsolados quando tivemos uma inspiração do céu.

— Quem é o fiscal do Hospital, quem é, está cá?

— É o sr. Ricardo.

Tambem não conheciamos, estavamos em maré de infelicidade.

— Olhe, ahi vem elle.

E no meio do jardim vinha um homem baixo, de bigode branco, bonnet, fumando n'um bello cachimbo de espuma, perfeitamente *culotté*.

Não voámos, porque isso não nos é muito facil, mas encaminhámo-nos com o maximo da nossa velocidade, ao seu encontro.

— O sr. fiscal?

— Sou eu.

Dissemos lhe o nosso nome, ao que iamos, e conversámos.

É um homem encantador esse fiscal, d'uma amabilidade excessiva, d'uma delicadeza sympathica, que devia ser consignada nos programmas para concurso de todos os logares de estabelecimentos do Estado.

É geralmente costume quando qualquer se dirige sem recommendação aos estabelecimentos officiaes do nosso paiz, ser quasi recebido á pancada.

Não se conseguir nunca o que se deseja, e vulgar, mas quando não se sae de lá cheio de contusões, n'uma maca, para o Hospital, é caso para levantar as mãos ao céu.

No Hospital de S. José, não sei se para poupar trabalho á casa, não é costume isto.

Os empregados ali são uma excepção, que nos apressamos a registar.

Não admira tambem: tem um modelo de delicadeza e de affabilidade no fiscal, e para não ser delicado vivendo sempre com elle, é preciso ter-se na massa do sangue a grosseria innata d'um continuo de repartição.

. . .

D'ali a momentos estavamos nas enfermarias.

Muita gente imagina que o Hospital de S. José é uma das coisas mais tristes que ha em Lisboa. Está redondamente enganada. Triste é o theatro de S. Carlos, triste é o theatro do Gymnasio com as coristas que grunhem na Revista! Mas as enfermarias de S. José, são a coisa mais alegre que ha, com as suas enfermeiras lindissimas, o unico local de Lisboa, unico, onde se encontra um forte punhado de mulheres bonitas.

É realmente extraordinario aquillo. Quando a gente espera encontrar umas mulheres macilentas, esqualidas, cadavericas, que passam a vida a estudar para moribundas no lidar quotidiano com agonisantes, vê um bando de raparigas fortes, saudaveis, de boas côres, amplos collos, carnes rijas, olhos cheios de vida, como se a existencia lhes corresse nos arejados campos, banhados de ondas de luz, na doce intimidade da atmosphera impregnada dos aromas balsamicos dos arvoredos e dos horisontes vastos, alegres, illuminados.

E entretanto os esqueletos fazem de nymphas nos palcos dos nossos theatros — aqui manda a verdade que façamos uma excepção, que um dia proximo explicaremos: — Palco da Trindade. — As coristas de S. Carlos devidem-se em dois grandes grupos de moribundas, umas de anemia, outras de obsessidade, estando á frente d'estas a illustre prioreza da Lapa, immortalisada pelo lapis de Raphael Bordalo.

. . .

O Hospital de S. José que logo á porta nos parecêra pelo seu amavel fiscal não ser um estabelecimento official portuguez, pelo seu aceio, socego, boa ordem, continua lá dentro a mentir completamente á sua nacionalidade.

O cheiro de doença, que ha por exemplo nos corredores do ministerio da Fazenda, e nas salas da Boa Hora é coisa que não apparece n'aquellas enfermarias vastas, bem tratadas, d'onde uma forte ventilação enxota todos os miasmas doentios.

E a gente ao ver aquellas enfermarias e aquellas enfermeiras, concebe logo um desejo, desejo muito facil de realisar em Lisboa, graças á camara municipal: — o desejo de estar doente.

Mas de estar doente nas enfermarias das mulheres, isso é que os vereadores não nos fornecem juntamente com as febres do Aterro.

. . .

Vimos de perto os dois pobres heroes da tragedia de Alcantara, fallámos com a envenenada a quem os jornaes deram as tristes honras d'uma criminosa celebre.

Fomos completamente logrados. Esperavamos encontrar n'aquella pobre cama de ferro da enfermaria do Deposito, Medêa, e encontrámos simplesmente, uma simploria algarvia que não sabia a que attribuir a violenta colica que a pozera ás portas da morte.

A formidavel tragedia desceu á simples cathegoria d'uma local, d'um desastre, como acontecem muitos por esse mundo. Sob a camisola da doente da cama n.º tantos do Deposito do Hospital, não havia a túnica classica das heroinas da tragedia grega, e compungidos por uma desgraça, mas roubados nas violentas commoções d'um drama, iamos a sahir desconsolados do Hospital, quando de repente, ao passarmos pela porta d'uma enfermaria, e olhando para dentro, divisámos n'uma das primeiras camas, sob o barretinho branco tradicional, uma cara nossa conhecida...

A enfermaria era a de Santo Onofre, a cama, a n.º 3. Entrámos.

. . .

Damos um sr. Arrobas de doce d'ovos a quem adivinhar quem nós vimos na cama n.º 3 da enfermaria de Santo Onofre.

E mesmo para depois de o ver o reconhecer é necessario ter-se muito bom ouvido como nós nos prezamos de ter.

Era nem mais nem menos que o celebre

GASPAR DA VIOLA

Era elle, lá o vimos sem a viola, sem a D. Maria, sem as barbas, sem a pequena, sem a bengala e sem a ampla guedelha de antigo tenor cahindo-lhe sobre a gola encebada do casaco: era elle, de cara rapada, bigode de galan, cabello á escovinha e barretinho branco; era elle, a alegria do rapazio de Lisboa, que depois de passar a vida a cantar duettos sosinho nas ruas de Lisboa, está ali ha dois mezes a fazer um triste solo no Hospital de S. José.

Sentado na cama, com as pernas estendidas, mettidas n'uma gaiola que lhe levanta a roupa, o bom do Gaspar conversou comnosco largamente, com a sua voz cantada, uma voz que pelo habito canta duettos mesmo a fallar, correndo permanentemente toda a escala desde o *fá* natural grave, até ao *si* sustenido agudo, uma voz que realisa perfeitamente a imagem applicada ás vagas em furia, «tão depressa descendo aos abysmos insondaveis do mar, tão depressa erguendo-se até aos pés do throno do Altissimo».

Gaspar tem uma ferida na perna, mas uma ferida original, causada por uma «comichão que elle coçou com a unha» segundo a sua phrase pittoresca.

Que coça, que unhas, e que comichão!

. . .

A nosso pedido o Gaspar promptificou-se a ser o Vapereau de si mesmo.

A sua memoria folheou-nos a sua biographia, ali, n'um momento.

Vamos registal-a aqui, porque se ainda ha celebridades em Portugal, Gaspar é uma d'ellas, tem-n'a conquistado laboriosamente ahi por essas ruas ha um bom par d'annos, cantando *Nêl mundo de los espiritos* ao compasso da sua grossa bengala, e obrigando sua mulher a afinar, observando-lhe de cinco em cinco minutos.

— Ré, dona Maria!

Gaspar naseeu em Belem, n'esse concelho que vae agora desapparecer, e tem cincoenta e tantos annos.

Não conhecia pae; mas conheceu mãe, e agora a serio, isto disse-nos elle, com uma termura muito comica na sua voz cantarolada, e umas duas lagrimas a molharem-lhe os olhos que ás vezes se juntam n'um ligeiro strabismo.

É que se lembrou de repente, na sua cama do Hospital, e depois da sua vida grotesca de cantor ambulante constellado de miserias e de fome, do seu tempo despreoccupado de creança e dos beijos de sua mãe. Mas depois as lagrimas seccaram-se-lhe nos olhos: envergonhou-se talvez de chorar deante de gente, elle que vive de fazer rir, escondeu lá muito no intimo essa recordação sagrada para não a sujar com as farçadas aventurosas da sua existencia de musico errante... e continuou a sua historia sempre no mesmo balouço continuado de voz, ora cá em baixo, ora lá em cima, *fá*... *si*!...

. . .

Foi cantor em S. Carlos... corista já se sabe; outras empresas, outros costumes: na actual teria sido

primeiro artista. E talvez tivesse cantado melhor o *Fausto* que este anno, porque nos dizem que n'esse tempo tinha uma esplendida voz de tenor.

Elle fartou-se de andar perdido entre as massas choraes, mandou o theatro de S. Carlos á fava — o que muita gente de bom gosto tem feito n'estes ultimos tempos — fez-se empresario de si mesmo e começou a cantar operas por essa Lisboa.

E cantava operas inteiras, era o tenor, o baixo, o barytono, a soprano, a contralto: tinha na sua garganta uma companhia completa.

Ganhou muito dinheiro por ahi.

Ha vinte annos, fazia ao cahir da noite os quatro angulos do Rocio, e recolhia a casa com um punhado de libras.

Fazer os quatro angulos do Rocio, quer dizer, cantava a um dos angulos; juntava-se muita gente; o menos que lhe davam era meio tostão: ninguem lhe pagava em cobre—bons tempos esses! — Depois ia ao outro, o mesmo; ao outro, ao outro e n'essa noite estava rico o bom do Gaspar.

A voz foi-se-lhe transformando com os annos, e ao mesmo tempo a prata foi-se-lhe transformando em cobre, e bem safado ás vezes, e bem rogado quasi sempre.

O estrangeiro invejava-nos Gaspar. Umas companhias ambulantes levaram-n'o a Ciudad Real, a Malaga; de Roma convidam-n'o, o Brazil accena-lhe lá de longe com uma escriptura de corista.

—Mas eu não fui, diz elle, não quiz abandonar os meus irmãos da arte!

E cá ficou, coitado!

. . .

O Gaspar depois d'isso casou. Casou com a sr.ª D. Maria, a tal do *ré*. E parece que afinaram, e d'essa afinação houve uma pequenita de quatro annos, para quem no fim de contas o pobre pae hoje canta.

Emquanto havia saude bem ia a coisa: ganhava de manhã o necessario para jantarem ás duas horas na taberna, ganhava á tarde o necessario para comerem á noite, e assim iam vivendo os tres, correndo juntos por essas ruas, sempre unidos, muito mais afinados na amisade que nas notas.

Mas o demonio da fatalidade não poupa ninguem, nem mesmo aquelles que a tem chronica. O Gaspar teve comichão na perna, coçou, e ahi o tem ha dois mezes estendido n'uma cama do Hospital, o publico sem ter musica, e a familia sem ter que comer.

E é isso que mais o adoece, coitado.

—Se tivesse só a perna diz elle, estava aqui muito bem, descançado, boa comida, bom tratamento, mas o peior é que alem de ter perna, tenho mulher!

. . .

Por debaixo das fortes camadas de grotesco que ha n'aquelle pobre homem, arranhando um pouco—não é preciso arranhar tanto como elle arranhou na perna—acha-se um quadro desolador de miseria, Aquella D. Maria, e aquella pequenita com quem nós riamos tanto na rua: já não cantam, coitadas!

A pequena chora porque tem fome, a mãe chora porque não tem que lhe dar de comer, a peior das fomes que pode ter uma mãe.

E para que a nossa chronica hoje tenha alguma coisa de bom, levamos o nosso egoismo artistico até a abrir na redacção do *Jornal do Domingo* uma subscripção para a mulher e para a filha do Gaspar da Viola.

E quem quizer ver bem o contraste que ha entre as duas donas Marias, a de hontem e a de hoje, se fosse o *Charivari* que estivesse a escrever esta chronica diria logo: «—a do *Ré*, e a do *dó*», vá á rua de Santa Martha, n.º 271, loja.

. . .

E á sahida o Gaspar prometteu-nos que estava ali mesmo, na cama, estudando um novo reportorio para quando voltasse á sua viola!

PHARÈS.

Da redacção do *Jornal do Domingo*... 25250

AS NOSSAS GRAVURAS

Panorama do jardim botanico de Bruxellas

Foi em 1825, quando ainda a Belgica fazia parte, com a Hollanda, do reino dos Paizes-Baixos, creado em 1815, que se fundou uma sociedade para estabelecimento de um jardim botanico em Bruxellas. Em breve se levantou n'um vasto terreno, situado ao pé da porta de Scheerbek o soberbo amphitheatro do jardim que tem uma superficie de quatro hectares e meio, e que é fechado por uma balaustrada monumental, guarnecida de candelabros. Este amphitheatro é coroado por vastos terraços, onde se levanta um monumento, composto de tres pavilhões sustentados por columnas que se destacam da linha uniforme das estufas.

O panoroma do jardim é admiravel, e o ponto de vista escolhido pelo auctor da gravura que apresentamos aos nossos leitores, é excellente. A rua Real de um lado, a igreja dos Bollandistas do outro, completam a perspectiva que é effectivamente imponente e bellissima.

O Estado comprou o jardim á Sociedade Horticola por cerca de um milhão de francos (180 contos).

A ultima «toilette» de Carlota Corday

Conhecem todos a historia d'essa famosa heroina da Revolução Franceza. Era uma joven fidalga da Normandia, que nascera pobre, e que se enthusiasmara ardentemente pelas idéas generosas que a Revolução proclamara. Lamartine descreve-a admiravelmente na prosa colorida e energica da sua *Historia dos Girondinos*:

«Era de uma estatura elevada, que não excedia comtudo a estatura ordinaria das altas e esbeltas mulheres da Normandia. A graça e a dignidade natural accentuavam como um rhythmo interior o seu passo e os seus movimentos. O ardor do Sul confundia-se na sua tez com o colorido das mulheres do Norte. Os seus cabellos tomavam um tom soombrio quando estavam presos em massa á roda da cabeça, ou que se abriam em duas ondas na sua frontte. Pareciam lustrados a oiro na extremidade das suas tranças, como as espigas, menos claras mas mais resplandecentes da caule do trigo banhada dde sol. Os seus olhos, grandes e rasgados, eram de côr cambiante como a agua do mar, que recebe os seus matizes da sombra e da luz do dia, azues quanndo reflectia, quasi negros quando se animava. As pestanas muito compridas, mais negras do que os cabellos, davam ao seu olhar como que uns distantes horisontes. O nariz, que se unia com a testa porr uma insensivel curva, tinha no meio um ligeirissimo arqueado. A sua boca grega desenhava-lhe nitidalamente os labios. A expressão fluctuava-lhe incoercivel entre a severidade e a ternura, capaz igualmeente de respirar o amor ou de respirar o patriotismo. O queixo, separado ao meio por uma covinha bem accentuada, dava á parte inferior do seu rosto um caracter de varonil resolução, que contrastava com a graça toda feminil dos contornos. As suas faces tinham a frescura da mocidade e o firme oval da saúde. Córava e descórava facilmente. A sua pelle era de uma alvura sã e jaspeada de vida. O peito largo e um pouco magro apresentava um busto esculptural, muito levemente ondulado. Os braços eram musculosos, as mãos compridas, os dedos afilados. O seu trajo, conforme com os seus modicos haveres e com o retiro em que vivia, era de uma sobria simplicidade. Fiava-se na natureza e desdenhava todos os artificios e todos os caprichos da moda. Os que a viram na sua adolescencia pintavam-n'a sempre uniformemente vestida com um vestido de panno escuro, cortado em forma de amazona, e com um chapeu de feltro cinzento, levantado nas abas, e cercado de fitas negras como as senhoras então usavam. O som da sua voz, esse echo vivo que resume a alma toda n'uma vibração do ar, deixava uma terna e profunda impressão no ouvido d'aquelles a quem dirigia a palavra. Fallavam ainda n'esse som de voz, dez annos depois de a terem ouvido, como n'uma musica estranha e indelevel, que se lhes gravara na memoria. Tinha n'esse teclado da alma notas tão sonoras e tão graves que ouvil-a era, diziam elles, mais do que vel-a, e que o som constituia uma parte da sua formosura».

Foi esta rapariga ardente, predestinada para os grandes fanatismos e para as exaltações reconcentradas, devorando todos os livros que lhe caiam nas mãos, que se apaixonou pela republica, fazendo d'essa forma de governo um ideal sublime, pautado pelas classicas recordações de Roma. Apaixonavam-n'a, enthusiasmavam-n'a as vozes eloquentes, os grandes rasgos de patriotismo, tudo o que era bello e tudo o que era grande, por isso votára um odio sombrio a essa creatura repugnante que se chamava Marat e que tingia de sangue e de nodoas o manto constellado da republica. Tinham echo prolongado na sua alma as vozes apaixonadas de Vergniaud e de Isnard, esses romanticos da revolução, esses aristocratas da democracia. Quando viu em Caen os girondinos que se tinham refugiado na capital da Baixa-Normandia, quando viu o formoso Barbaroux, que representava esse seu ideal do heróe republicano, quando ouviu a sua voz quente e apaixonada, deixou-se inebriar por essa poesia ardentissima da Revolução que reagia contra a revolta, da vaga que protestava contra os limos e a vasa, enthusiasmou-se com os hymnos de guerra que chamavam ás armas contra o inimigo interno a mocidade normanda. As grandes scenas da historia romana e da historia biblica representavam-se vivamente na sua imaginação, sonhou com Bruto e sonhou com Judith, e, julgando-se predestinada a representar um papel glorioso e sublime, partiu para Paris com a intenção firme de assassinar Marat. Sabem todos o resto, sabem que, chegando á capital da França, conseguio introduzir-se no aposento onde Marat, dentro de uma tina, escrevia coberto apenas com um lençol sujo de tinta, n'um scenario repugnante que contrastava de um modo notavel com o quadro scintiliante com que lhe tinham apparecido os girondinos, o gentil Barbaroux, o elegante Louvet, o correcto Bugot. Matou-o; preza logo em seguida, mostrava uma extraordinaria coragem, que se não desmentiu no tribunal. Recebeu um pintor a auctorisação de a retratar, e foi então que se passou a scena, que a nossa gravura representa e que Lamartine conta da seguinte maneira:

«No meio d'esta conversação, entrecortada de silencios, ouviu-se bater devagarinho á porta do carcere que ficava por traz da ré. Abriram-n'a, era o carrasco. Carlota voltou-se, viu a thesoura e a camisa vermelha que o executor trazia no braço, e empallideceu e estremeceu com esse espectaculo. O que! já? exclamou involuntariamente. Não tardou a recobrar a firmeza, e, deitando um olhar para o retrato ainda não concluido: «Senhor Hauer, disse ella ao artista com um sorriso triste e benevolo, não sei como lhe hei-de agradecer o seu trabalho. Só tenho isto a offerecer-lhe, conserve-o em memoria da sua bondade e do meu reconhecimento». Dizendo isto, tirou a thesoura da mão do carrasco, e, cortando uma pequena trança dos seus longos cabellos de um louro cendrado, apresentou-a ao pintor. Os *gendarmes* e o carrasco, a estas palavras e a este gesto, sentiram os olhos marejados de lagrimas. A familia do sr. Hauer possue ainda esse retrato interrompido pela morte. Só estava pintada a cabeça, apenas esboçado o busto, mas o pintor, que seguiu com a vista os preparativos do cadafalso, impressionou-se tanto com o effeito do sinistro esplendor que a camisa vermelha dava á formosura do modelo, que, depois do supplicio de Carlota, pintou-a n'esse trajo.»

A ULTIMA TOILETE DE CARLOTA CORDAY

A scena que a nossa gravura representa é a que se seguiu a essa tocante resolução de Carlota Corday. Estão cahindo debaixo da thesoura do algoz os magnificos cabellos da Judith revolucionaria.

Não contaremos o supplicio, nem a bofetada indigna que o ajudante do algoz infligiu á formosa cabeça cortada pelo cutello da guilhotina, e que indignou o povo, que o abjecto lacaio da morte quizera lisongear, mas fecharemos ainda este artigo com a chave de oiro do magico estylo de Lamartine:

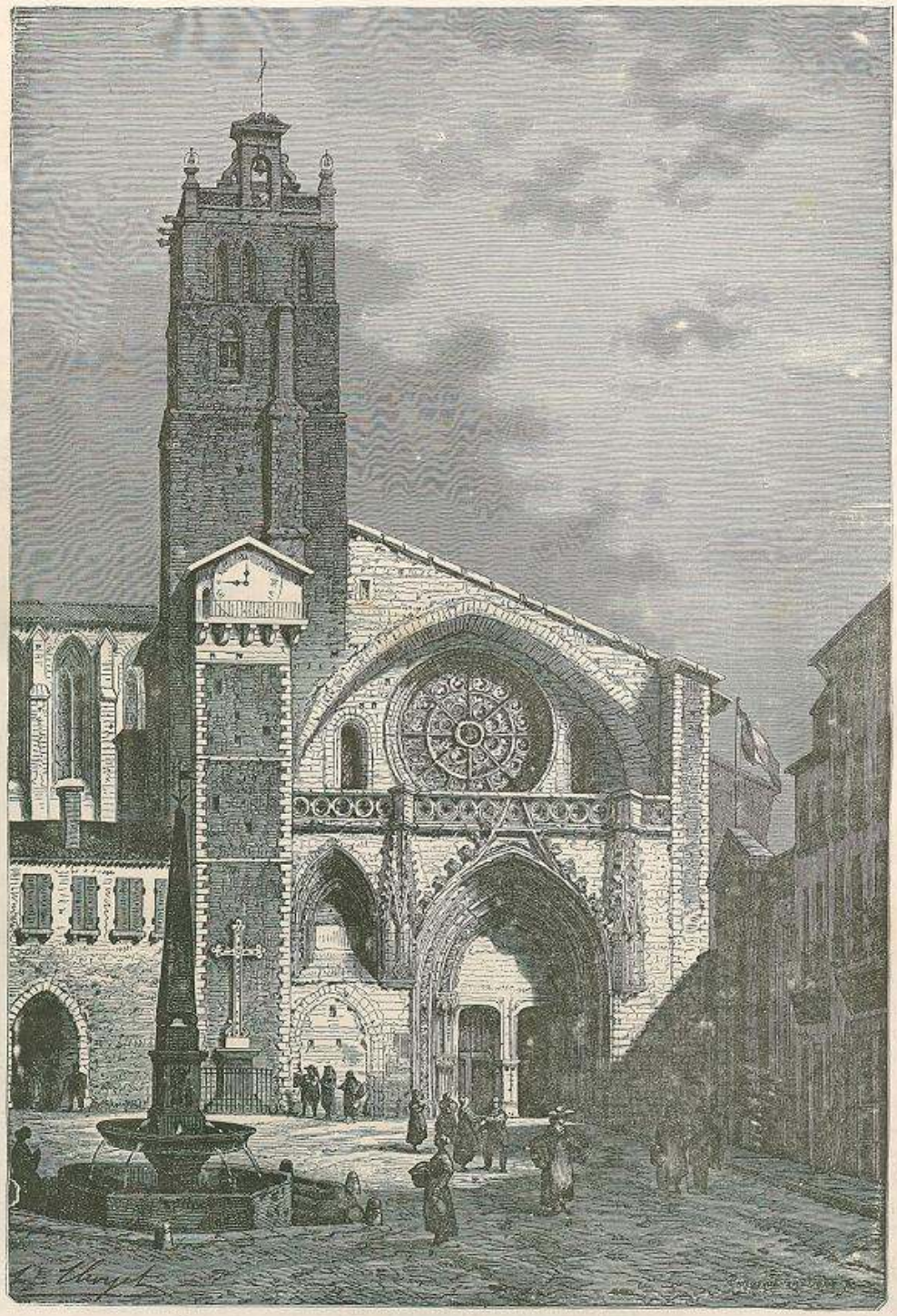
«Tal foi a vida e a morte de Carlota Corday. Em presença do assassinio a historia não ousa glorificar; em presença do heroismo a historia não ousa infamar. A apreciação de semelhante acto colloca a alma n'uma terrivel alternativa: ou de menosprezar a virtude, ou de louvar o assassinio. Como esse pintor, que, não podendo traduzir a expressão complexa de um sentimento mixto, lançou um véo sobre a cabeça do seu modelo, e deixou um problema ao espectador, devemos deixar esse mysterio debater-se eternamente no abysmo da consciencia humana. Ha coisas que o homem não deve julgar, e que sobem, sem intermediarios e sem appellação, directamente ao tribunal de Deus. Ha actos humanos, em que por tal forma se confundem a força e a fraqueza, as puras intenções e os meios culpados, o erro e a verdade,

o assassinio e o martyrio que se não podem qualificar com uma palavra só, e que se não sabe se lhes devemos chamar crime ou virtude. A dedicação culpada de Carlota Corday entra no numero d'esses actos, que a admiração e o horror deixariam eternamente na duvida, se a moral os não reprovasse. Nós, se tivessemos de procurar para esta sublime libertadora do seu paiz e para esta generosa suppliciadora da tyrannia um nome que encerrasse a um tempo o enthusiasmo da nossa commoção por ella e a serenidade do nosso juizo sobre o acto que praticou, crearíamos uma palavra que reunisse os dois extremos da admiração e do horror na lingua dos homens, e chamar-lhe-hiamos o anjo do assassinio.»

Esta phrase de Lamartine ficou celebre, e o peior é que as Verasassoulitch se vão condecorando com elle, e que os «anjos do assassinio» vão já constituindo uma legião fatal.

A cathedral de Tolosa

A cathedral de Tolosa, tambem chamada igreja de Santo Estevão, é, como se póde ver olhando-se para a nossa gravura, um dos monumentos mais extravagantes que podem chamar a attenção do *tourisbra* antes o estylo militar do que a architectura religiosa, é celebre por ter contido outr'ora um sino enorme que os revolucionarios fundiram para fazerem soldos. Até a praça em que se levanta a igreja é pequena, irregularissima e ornada de uma fonte bastante vulgar que representa um obelisco assente n'um pedestal quadrado, em que é occupado cada nicho pela estatueta de uma criança nua.



A CATHEDRAL DE TOLOSA

te. A fachada compõe-se de muitas partes heterogeneas, que não teem a minima relação entre si.

O portal, que ascende ao seculo XV, foi outr'ora ornado de estatuas destruidas no tempo da Revolução Franceza e que não foram substituidas.

O grande florão que fica por cima da ogiva da entrada não está na mesma linha que o cimo daa abobada. O campanario, construcção macissa quee lem-

O conjuncto d'esta vista achava-se em perfeita harmonia com o aspecto geral de Tolosa, uma das cidades mais feias e mais monotonas do Meio-Dia da França. A cathedral é tão extraordinaria por dentro como por fóra. O côro, por exemplo, é outra igreja construida por traz da primeira e n'um eixo differente. Um pilar solitario e inexplicavel na sua solidão separa esse côro da nave. As dezesete capellas

que rodeiam o côro são de um mau gosto extraordinario. Pois, apesar de todas essas desagradaveis particularidades, o conjuncto apresenta um aspecto pittoresco e seductor, porque está em harmonia com o resto d'essa velha cidade, que tem ao menos a vantagem de conservar a sua physionomia primitiva, o que é raro em França e em Portugal ainda mais.

Gaesbeck

Fica a duas leguas e meia de Bruxellas o velho solar d'este nome, que merece a attenção tanto do antiquario como do *touriste* que anda á procura de recordações e de impressões poeticas. Fica no meio de uma região agradavel e pittoresca, e ainda conserva em quasi todas as suas partes esse cunho imponente, caracteristico das construcções da meia idade.

Foi construida nos primeiros tempos do periodo feudal, mas, reedificada em differentes épocas, offerece uma miscellanea de diversos estylos, e ainda póde ostentar uma parte da fortaleza primitiva com os vestigios do terrivel ataque, de que foi objecto da parte dos Bruxellezes em 1387. Situado n'uma collina banhada pelas aguas de um limpido riacho, é rodeiado de largos fossos, e dominado por um parque magnifico. Existiu n'esse parque outr'ora um eremiterio celebre, que foi substituido no seculo XVII por uma elegante capella. As partes mais curiosas do velho solar são as duas torres gothicas que flanqueiam a porta da entrada, e a escada principal, que é uma reliquia maravilhosa da arte medieval.

A baronia de Gaesbeck pertenceu desde 1240 a um ramo segundo da casa de Brabante, e no seculo XV tinha 160 pequenos feudatarios. No seculo XVI caira nas mãos dos senhores de Absconde; o ultimo d'esta raça, Sieger de Absconde, quiz-se metter com os burguezes de Bruxellas. Everardo de T'Serclaes, o heróe que libertára Bruxellas do jugo de Luiz de Male, conde de Flandres (de quem já se fallou no *Jornal do Domingo*) foi morto por traição pelos apaniguados de Sieger. Levou o cura de uma aldeia proxima o cadaver para Bruxellas; os habitantes da cidade, cheios de indignação, correram em massa a Gaesbeck sitiaram o castello, e, apesar da defeza heroica do senhor de Absconde, tomaram o castello por meio do emprego de minas, a torre caiu com um estrondo terrivel, esmagando na queda os seus defensores.

Gaesbeck ficou sendo um logar maldito, Joanna de Brabante prohibiu que o reconstruissem. Effectivamente só no seculo XVI o reconstruiram; passou então de mãos em mãos, e hoje pertence á nobre familia dos marquezes de Arconati.

P. C.

HORAS DE OCIO

Palavras quadradas a completar

```
A . . .
. A . .
. . A .
. . . A
```

CARMELITA.

Geographia—Proverbio

Formar um proverbio com as iniciaes dos nomes de vinte cidades da America.

ABILIO CORDEIRO.

Synonimia

Sendo dados os verbos Partir, Juntar, Enredar, Conquistar, Vender, encontrar outros verbos synonimos, e formar com as iniciaes o nome de um facto portuguez.

NADEGE.

Soluções do n.º 51

Logogripho — Zamira.

Pergunta indiscreta — É um ovo, que, em se atirando ao ar, é branco, e fica amarello quando cáe no chão e se quebra.

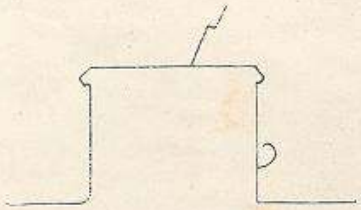
Fantasia arithmetica — Tomem-se quatro riscos da forma seguinte.

Juntem-se-lhes tres, um horisontal e dois transversaes, da seguinte forma.

Já vêem que fica *um*.

* * *

Solução do *problema graphico* publicado no n.º 50



Soluções certas

Logogripho — Pedro José Calhancas (Elvas), Carmelita, Abilio Cordeiro, Vasco (Coimbra), Leonardo José de Almeida Santos (Porto), B. C. (Vianna do Castello).

Pergunta indiscreta — Leonardo José de Almeida Santos (Porto), Abilio Cordeiro, Um advinhador que já sabia (Braga), Emilia Z. (Vizeu), Nadege (Coimbra).

Fantasia arithmetica — Teniers (Santarem), Benedicta Barros (Setubal), B. C. (Vianna do Castello).

SCENAS DA VIDA AMERICANA

CARMEN E JUANITO

POR

ALFREDO DE BREHAT

Versão portugueza

DE

JULIO DE MAGALHÃES

(Continuado do numero antecedente)

— Morro... morro... murmurava o ferido com voz entrecortada e convulsiva. Acudam... agoa... agoa!...

Carmen reconheceu a voz de Carlo Barista, e correu a caza, de onde trouxe uma cabaça cheia de agoa, assim como um cópo de aguardente, que offereceu ao desgraçado barqueiro.

O ferido bebeu algumas gôtas de agoa, e esvasiou o copo da aguardente.

Em seguida pareceu reanimar-se um pouco.

— Obrigado, *dona* Carmen! disse elle. A minha vida vae findar... O teu infame marido não errou o golpe... Mas, *voto al demonio*, não hei de morrer sem me vingar... Escuta... aproxima-te de mim... mais perto ainda... bem vês que não posso elevar a voz...

Carmen curvou-se para sobre o ferido, o qual, fazendo um violento esforço, levantou um pouco o corpo, e murmurou algumas palavras ao ouvido da formosa rapariga, que soltou um grito abafado.

— É verdade isso que dizes? perguntou ella por fim com voz surda.

— Juro-t'o pela minha salvação!... respondeu o desgraçado Carlo Barista. E agora que sabes tudo... vae sem demora pedir a um padre, que venha receber a minha confissão... não quero morrer como um cão... Peço-te que mandes dizer duas missas por minha alma, e...

A voz extinguiu-se-lhe nos labios subitamente. O sangue, extravasando-se-lhe no peito, suffocara-o...

Carmen, que se endireitara e déra já dois passos para ir procurar o padre, voltou atraz, ajoelhou junto do cadaver, e assim permaneceu durante longo espaço, immovel e com o olhar fixo... Dir-se-hia que a vida interrompera n'ella tambem o seu curso...

Depois, julgando ouvir os passos de uma pessoa, que se aproximava com precaução, ergueu-se bruscamente, e occultou-se por detraz dos troncos das arvores. Passados apenas alguns momentos viu apparecer Dionysio, o qual, depois de olhar em redor de si e de applicar o ouvido, se acercou do cadaver, carregou-o sobre os hombros, e encaminhou-se com aquelle ensanguentado fardo para o rio.

No momento em que Carmen, que seguia seu marido de longe e com as maiores precauções para não ser por elle presentida, chegava a vinte passos da corrente, o cadaver do infeliz barqueiro era arrojado para as agoas, que se entreabriram para o receberem, e se cerraram immediatamente sobre aquella lugubre preza...

O assassino em seguida lavou o rosto e as mãos para fazer desapparecer todos os vestigios do crime, que acabava de commetter, e tomou a passos lentos o caminho da sua habitação.

No dia seguinte, logo que acordou, muito antes do nascer do sol, viu que Carmen estava já levantada, e vestida com um trajo proprio para viagem.

— Se isso não te contraria, lhe disse ella, peço-te que me leves a Cruces. Tinhas-me promettido essa diversão, e hoje, que tens apenas um passageiro, a occasião é magnifica.

— Como quizéres, respondeu o arraes. Vou preparar o pangaio para a viagem. Espera-nos na praia... Embarcarás quando passarmos.

Uma hora depois o *Santa-Barbara* recebia a seu bordo a mulher de Dionysio Palmano, a qual esperára a chegada do barco assentada na margem do rio.

— Carlo não appareceu, lhe disse Dionysio com uma tal ou qual perturbação, que só por Carmen foi notada. O sr. passageiro, já impacientado com a nossa demora, ia tomar um outro barco mas eu, para não perder a viagem, contractei logo ali um remador, e parti sem Carlo...

Carmen não respondeu uma unica palavra. Apesar das instancias do passageiro, que lhe offerecia o principal logar na popa da pequena embarcação, assentou-se na proa permanecendo constantemente com a cabeça inclinada para sobre o peito e o olhar fixo na corrente.

No segundo dia de viagem, no momento em que o pangaio passava em frente do recife *del Venado*, Carmen sahiu emfim do obstinado silencio em que se conservara desde que embarcara.

— Que será aquillo, alem? perguntou ella a seu marido, apontando com o dedo para um bando de abutres negros, que voavam por sobre um espesso matagal, a uns quatrocentos ou quinhentos passos de distancia da margem do rio.

Dionysio Palmano mostrou subitamente nas faces a pallidez de um cadaver.

(*Continua*)

O DOMINGO HISTORICO

5 de março de 1823. — O conde de Amarante é privado de todos os titulos e honras por se ter revoltado contra a constituição.

Um dos mais decididos adversarios do systema constitucional no nosso paiz, foi sem duvida o general Manoel de Silveira Pinto da Fonseca Teixeira, segundo conde de Amarante e filho do primeiro conde d'esse titulo, que tanto se distinguiu na guerra peninsular.

Seguindo o exemplo de seu pae que logo em agosto de 1820 se declarou contrario á revolução do Porto, o general Manoel da Silveira valendo-se da influencia que tinha em Traz-os-Montes e do respeito que havia pela memoria do valente chefe que tão bons serviços prestara em defesa da patria, levantou a 23 de fevereiro de 1823 o grito de revolta contra o governo liberal, e foi em consequencia d'isso privado no dia 5 de março de todos os titulos e honras que possuia.

Luiz do Rego, que veiu depois a ser conde de Geraz do Lima, marchou contra os defensores do absolutismo e depois de um revez soffrido nos campos de Santa Barbara, poderam afinal os constitucionaes vencer em Amarante os insurgentes, que tiveram de passar a fronteira juntamente com o seu chefe.

D'ahi a mezes quando pela Villa Francada se realisou a mudança do systema de governo, o conde de Amarante voltou á patria, fez em Lisboa uma entrada triumphal e recebeu do soberano entre outras mercês o titulo de marquez de Chaves.

Posteriormente ainda este general revoltou-se contra a Carta Constitucional em outubro de 1826, teve de retirar de novo para o paiz visinho, voltou em seguida por Traz os Montes, e sustentou a lucta até ser afinal vencido nas acções de Ponte do Prado e Ponte da Barca.

Sahindo mais uma vez de Portugal, voltou depois do estabelecimento do governo de D. Miguel, e de certo representava um papel importante nas campanhas da liberdade, se a morte o não tivesse colhido a 7 de julho de 1830, quando contava apenas quarenta e seis annos de idade.

A. O.

ROSICLER

AURORA MUÑOS

Aurora! teu nome lembra-nos
a Venus, que no arrebol
vem entre pompas e cantícos
annunciar-nos o sol.

Lembra a região uberrima
onde viceja o Decan,
onde se ergueram as flamulas
de Dario e Tamerlan.

Onde o ambar e as perolas,
a canella de Ceylão,
a safira, a seda, o áloes
abundam, como o faisão.

Onde a myrrha, o ouro, o sandalo,
a cachemir, o rubim,
os diamantes e a ágatha
brilham a par do marfim.

Lembra o Oriente fúlgido
onde tudo nos seduz,
onde ha lendas e mysterios,
onde esplende e se ergue a luz.

Praza a Deus, Aurora bella,
que tu sejas tão amada,
como é linda a alva estrella
que sorri na madrugada.

E possas no *El-Dorado*
dos teus sonhos, linda flor,
encontrar no teu amado
o paraiso d'amor.

A. X. Rodrigues Cordeiro

* * *

A GUITARRA DE D. JOÃO

Lá se espreguiça, languida e dolente,
por entre os roseiraes a serenada.
Impregnou-a o condão de ignota fada
dos sensuaes perfumes do Oriente.

Paira, como a neblina, lentamente,
pela aragem da noute balouçada...
Que crepitar de beijos na ramada!
Que soluçar de ondinas na corrente!

As doces peccadoras que condemnas,
nos doudos turbilhões, a eternas penas,
fugiram, Dante, á vingadora garra.

E, ás vivas cordas ternamente unidas,
gemem núas, cançadas, doloridas,
as arrastadas notas da guitarra.

José de Sousa Monteiro

ATRAVEZ DA SIBERIA

AVENTURAS EXTRAORDINARIAS DE TRES FUGITIVOS

POR

Victor Tissot e Constant Améro

(Conclusão)

XXXIV

Mas o sr. Lafleur, persistindo no seu intento, fingiu não perceber que o capitão desejava pôr termo a quaesquer recriminações, e disse:

— Ainda que eu jurasse, ninguem o accreditaria em Iakutsk. Por mais honrado, por mais digno que seja um funccionario, é sempre licito sentir pulsar o coração dentro do peito.

— O homem da lei deve mandar ao coração que se calle, respondeu Yermac.

— Pode mandar que se calle; mas se elle existir lá dentro, se abrigar uma coisa, a que se chame ternura, caridade, amor do proximo... o que quizerem, despresa a intimação arbitraria, e vae levantando a voz.

—Meus amigos, acabemos com esta discussão que é por extremo desagradavel e fastidiosa, disse o capitão interrompendo-os.

E o sr. Lafleur, sem se dirigir a Yermac, voltou-se para Borys Andreyeff, metteu na algibeira a rebeca, que lhe ia cahindo, e deu então largas á sua veia oratoria.

Por mais que o cunhado de Yegor lhe pedisse que não continuasse, o sr. Lafleur não parou sem lhe explicar como Yermac fôra salvo das garras do urso por elle e pelos companheiros, e como devera ao pequeno Ladislau a fortuna de tornar a ver seu filho Demitria e saber que elle morrera tranquillo, arrrependido, e não commettendo algum roubo ou asssassinio. E contando depois as calamidades, os perrigos e privações que o chefe de policia compartira ctom os fugitivos durante uns poucos de mezes concluiu:

—Parece incrivel que tanta desventura não aabrandasse aquelle coração de pedra!

Ao dizer estas palavras arrasaram-se-lhe os olhos de lagrimas; e ao ver que Nadege tambem chorava com a narração de seus trabalhos, voltou-see para Yegor, mudou de tom, e disse-lhe sorrindo:

—Mais trabalhou o pastor da Biblia para casar com Rachel:

Poz-se a meza com a melhor loiça, os vidroos mais finos, e os mais bellos adornos, que havia a bbordo.

Borys Andreyeff, tendo indicado a Nadegee o logar á sua direita, insistiu com Yermac para que occupasse o da esquerda. Yermac a principio queria recusar; mas finalmente acceitou sem grande repugnancia.

Debuxava-se a alegria em todos os semblantes. Yegor e Nadege tinham levado ao cabo uma arrojadissima empreza, e podiam dentro em breve realisar o seu maior desejo, e cumprir a derradeira vontade do poeta Davidoff. Ladislau estava feliz não só por ter escapado aos contratempos e rigores da viagem, ao despotismo do governo russo, mas tambem porque via proxima a felicidade ambicionada por Nadege. O capitão não podia occultar o jubilo, que lhe inundava o peito por ter apparecido como o anjo bom n'aquellas remotas paragens. E o sr. Lafleur, pulava de contente porque ia continuar as suas collecções e enriquecer Chateau-Thierry com um bello museo.

Mas, no meio do geral contentamento e animação, destacava salientemente o silencio e taciturnidade do chefe de policia. Yermac sentia-se vencido. Vio que a lei tinha sido inutil, impotente; sentia ferido o seu amor proprio, e lamentava que o commandante do ostrog se tivesse vendido, e que os cossacos se tivessem embebedado, porque se assim não acontecesse, elle Yermac teria triumphado.

Quando se achava engolfado n'estas considerações, o capitão Borys Andreyeff disse-lhe pela decima vez:

—Então não quer ficar comnosco sr. Yermac?

O chefe de policia fez um movimento negativo com a cabeça.

Pois tenho muitissima pena, pode crel-o. O meu contentamento seria illimitado, se podesse congraçar pessoas, que tanto sofferam juntas.

—Não é possivel, tornou Yermac.

—Não fallemos mais n'isso, acudiu o capitão. Visto que não quer ficar, vou mandar por á sua disposição todos os botes para o conduzirem a terra.

— Não é preciso, respondeu o chefe de policia; não quero dar incommodo a ninguem.

—Isso não incommóda; eu vou dar as ordens, replicou o capitão.

—Agradeço-lhe a insistencia para que eu fique, e o offerecimento dos botes, disse Yermac, mas eu vou para terra como vim.

—Como?

—A pé!

—Isso é perigoso. O mar está muito mais agitado do que hontem á noute, observou Andreyeff.

Fizeram-se projectos para o futuro, formaram-se castellos no ar, planeou-se uma vida risonha e feliz n'uma cidade da Austria, n'uma linda casa sobre o Adriatico...

— Cá estão as esmeraldas! exclamou Nadege olhando para o chefe de policia.

Yermac sorriu docemente.

Chegou o momento da separação. O que se passaria dentro d'aquelle homem, que ia deixar para sempre quatro pessoas, com quem vivera na maior das intimidades, e de quem devia necessariamente ser amigo, apesar do desejo de os denunciar?

O caracter de Yermac está perfeitamente manifestado e comprehendido, e é facil adivinhar as sensações que elle experimentaria.

Na occasião de partir, o chefe de policia apertou a mão de todos fria e secamente, abraçou com grande affecto o pequeno Ladislau, e entregou a Yegor um papel escripto a lapis.

Yegor olhou, e perguntou-lhe:

—O que é isto?

—É o inventario, escrupulosamente feito, de todos os utensilios e objectos encontrados a bordo do

Hugo e Maria. Entrego-lh'o, porque é natural o possa apresentar primeiro em logar competente para os carregadores não perderem tudo . .

—Tem a mania da legalidade, murmurou o sr. Lafleur baixinho ao capitão,

—Repito o que já disse: é um homem de bem, respondeu Andreyoff.

Depois de entregar o papel a Yegor, o chefe de policia lançou os olhos para todos os circumstantes, e saltou para o monte de gelo, a que o navio estava amarrado. O capitão dissera a verdade: o mar estava agitadissimo; mas Yermac não dava o minimo signal de susto ou preoccupação.

—Aproveite-se ao menos da bayalare, gritou-lhe o sr. Lafleur, que no fundo, interessava-se pelo duro funccionario.

Este porem fez um gesto, que significava: adeus!

A principio correram as coisas regularmente, e parecia que Yermac não encontrava grandes difficuldades no trajecto. Recomeçou a conversação, e o sr. Lafleur, sempre alegre e zombeteiro, divertia-se em fazer córar Nadege, dizendo-lhe que havia de ensinar a dança aos meninos Semenoff, e que lhes daria em Chateau-Tierry uma optima quinta para as creanças pularem e correrem com os seus arcos.

Nadege envergonhava-se, mas não lhe desagradava a bella perspectiva, que lhe desenhava o parisiense.

Este, que se não tinha a mania da legalidade, que attribuia a Yermac, não deixava comtudo de ser tambem maniaco, suspendia de vez em quando os seus gracejos, para fallar a serio na possibilidade de liquidar a sua fabrica de champagne, e os negocios de modista, que tinha na capital da Siberia. E, se a conversação cahia nos trabalhos da viagem, tirava logo a rabeca, affagava-a, beijava-a, e mostrava-a a Nadege, accrescentando:

—Se não fosse esta, e o tambor dos feiticeiros, nem eu sei o que teria sido feito de nós!

E uma lagrima de reconhecimento deslisava pela face do parisiense.

Yermac proseguiu o seu caminho, agora com grave risco de morrer. Todos o seguiam com os olhos. De vez em quando, desapparecia durante instantes, escondido pelos montes de neve, para emergir de entre elles um pouco mais longe. De repente, de um ponto elevado, em que se achava, pareceu que lhe faltava o pé. Foi geral a commoção. Estavam todos anciosos. Os homens não se atreviam a fallar. Nadege e Ladislau deram um grito agudo e doloroso.

Yermac não reapparecia.

—Peço-lhe, capitão, disse Nadege, mande alguns homens em auxilio d'aquelle infeliz, talvez lhe succedesse alguma desgraça...

O capitão, movido pelas supplicas da caridosa rapariga, foi immediatamente dar ordens para que se fizesse o que ella pedia; mas n'esse momento já os dois guias yakutes se dirigiam para os campos de gelo ao encontro,—á procura de Yermac, que tinham visto desapparecer.

Chegados ao sitio, em que este perdera o pé, os valentes yakutes principiaram a olhar, a remexer, a procurar, a fazer todo o possivel para descobrir o chefe de policia. Mas foi baldado empenho. Os montes de gelo moveis, entre os quaes Yermac escorregara, tinham se aproximado, sepultando-o debaixo de suas massas...

Tekel e Chort não tardaram em adquirir esta convicção.

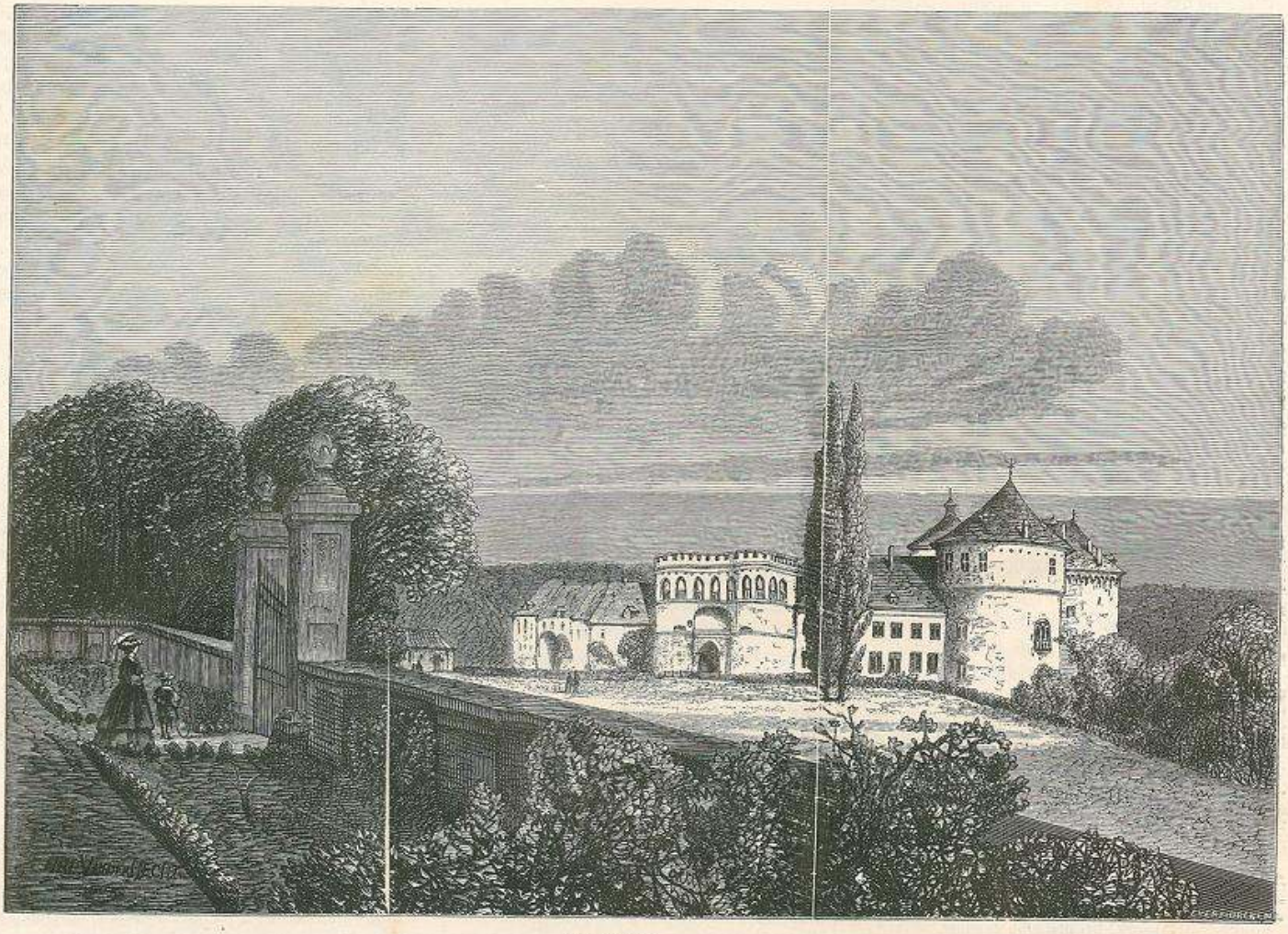
Então Tekel subiu a cima de um bloco de neve, mantendo-se em equilibrio com grande difficuldade, fez das mãos um porta-voz, e principiou a gritar com toda a força voltando-se para o navio!

—Desappareceu! Morreu!

E a voz do yakute corria sobre o gelo como uma entonação, triste, lamentavel.

E a bordo do navio austriaco repetiram todos á roda do capitão:

—Desappareceu! Morreu!



GAESBEEK

—Esta morte do chefe de policia, observou Yegor teve logar em condições de tal ordem, que tudo leva a crer que foi morte voluntaria.

—Eu já o tinha previsto, disse o capitão. Mas para que teimou em ir a pé?

—A culpa foi d'elle! isso foi! murmurou o parisiense. Mas tambem... que demonio de cabeça!

—Desgraçado, exclamou Nadege. Lamentemol-o, e lembremo-nos só do valioso auxilio, que nos prestou com o risco da propria vida.

—O auxilio? disse espantado o capitão.

—Sim, meu caro Baris, no meio da noite polar, em cima do gelo, durante uma horrorosa tempestade, respondeu Yegor. Se não fosse elle, nem Nadege, nem Ladislau estariam aqui,—nem eu!

FIM

Typ. e lit. Portugueza — Calçada do Tijolo, 39 (á rua Formosa)